

ETNOGRAFIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Adrielle Luchi Coutinho Bove¹

Gabriel Salgado Ribeiro de Sá²

Rafael Siqueira Machado³

Após quase dois anos decorridos de uma pandemia cujas consequências ainda são desafiadoras de serem quantificadas precisamente em termos de perdas de vidas, índices de inflação, níveis de pobreza e disparidades sociais, concebê-la meramente como uma tragédia ou de uma forma de violência imposta, resultante de políticas e práticas negacionistas seria redundante. Esse evento, inquestionavelmente, exerce um impacto direto sobre as principais contribuições no âmbito das Ciências Sociais, ao se sobrepor materialmente às reflexões desenvolvidas nessas áreas de conhecimento, emergindo como uma urgência que requer análise e intervenção, além de impor restrições que afetam diversas pesquisas, notadamente a etnografia, um método teórico-metodológico amplamente difundido nas Ciências Sociais e, em especial, na disciplina da Antropologia. Significa dizer que tanto a dimensão dos impactos sociais em suas diferentes instâncias transformou as relações e produziu novas e necessárias potencialidades de campo a fim de dar conta destas dimensões, quanto transformou o próprio fazer etnográfico, reconfigurado pela internet, redes sociais, uso de máscaras, isolamento e etc.

As doenças infecciosas, como no caso da pandemia de COVID-19, desafiam as possibilidades de viver juntos (SINGER, 2014; KÉCK et al, 2019), transformando relações sociais por completo, concebendo novos sujeitos impactados pela trama do adoecimento e do medo. Sob este ponto de vista, destacamos as doenças infecciosas como elementos complexos, cujas dimensões biológicas constitutivas, seus

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. adrielleluchi@gmail.com

² Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. gabrielsalgado4@hotmail.com

³ Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. faelborgjr@hotmail.com

ETNOGRAFIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

curiosos e impactos mensurados pela biomedicina, não esgotam suas consequências, percepções e possíveis campos de ação em torno das sociabilidades que se aglutinam em torno desse fenômeno. Ainda sobre o recente evento, queremos destacar que epidemias são contextos analíticos que podem revelar, através de “situações sociais” (GLUCKMAN, 1995) específicas, formas de construções relacionais que tanto podem diferir em ocasiões distintas, como exacerbar processos de violência, desigualdade e outras problemáticas, ou ainda sugerir transformações essenciais e formas de adequação da vida quando seu impacto incorre de forma traumática, como aponta Veena Das (1995).

Sobre esta autora, seu conceito de “evento crítico” (DAS, 1995) se torna uma interessante sugestão que auxilia na reflexão sobre o evento pandêmico em si, no que tange às reconfigurações, adaptações e transformações na vida dos sujeitos a partir de um evento paradigmático, desafiador e/ou violento, como catástrofes naturais, conflitos armados, violência doméstica, abusos ou pandemias, isto é, uma marcação temporal reguladora de (novas) formas e reconfigurações de vida. Segundo Das (1995), os eventos críticos são caracterizados por sua natureza disruptiva e pela capacidade de expor as contradições e as falhas das estruturas sociais e normativas. Uma das características-chave dos eventos críticos é a sua capacidade de desestabilizar as narrativas dominantes e convencionais, abrindo espaço para diferentes interpretações e perspectivas. Tais podem levar as pessoas a questionar as normas estabelecidas, a reavaliar suas identidades e a repensar suas relações com os outros e com a sociedade. A COVID-19 e seu desencadeamento pandêmico pode assim ser pensada enquanto um “evento crítico” (DAS, 1995), cujas dimensões alcançaram boa parte do mundo, incitando pesquisas e a reformulação significativa da prática etnográfica.

Neste sentido, pode-se argumentar que:

Uma das medidas iniciais para controlar o avanço da pandemia foi a recomendação de evitar contato físico em vista do alto grau de contágio do novo coronavírus. Nesse contexto, proximidade, distanciamento e isolamento passaram

ETNOGRAFIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

a constituir tanto um vocabulário familiar, como instrumentos de política pública em saúde. A imagem de perigo da proximidade e o contato figuram, contudo, em um histórico mais amplo de outras coletividades e povos em suas experiências com processos de saúde-doença e violências (OLIVEIRA, *et al*, 2020, p.8)

Estas políticas de isolamento implementadas em diferentes graus concebem um “evento crítico” que impacta não somente contextos de vida que podem ser expressos em pesquisas, mas atravessam os próprios alicerces das práticas etnográficas – em sua maioria – realizadas presencialmente. A prática etnográfica, estabelecida como um aspecto fundamental no campo da antropologia desde o início do século passado – com Malinowski e sua pesquisa sobre os trobriandeses – amplamente adotada e reconhecida em outras disciplinas das Ciências Sociais, passou por processos significativos de reconfiguração, resultantes da impossibilidade de realizar pesquisas em ambientes presenciais devido aos impactos da pandemia. Essa situação levou à reconfigurações de pesquisas em andamento, dando um grau de complexidade às circunstâncias desafiadoras diante de incertezas em torno das interações presenciais e até mesmo virtuais. Pode-se considerar que, pela primeira vez, nos deparamos com um evento catastrófico de escala global que verdadeiramente afeta a prática etnográfica, demandando que pesquisadores de todo o mundo se adaptem e reconfigurem suas abordagens de pesquisa. Portanto, a proposta deste dossiê foi contemplar trabalhos que reflitam sobre os caminhos possíveis, as problemáticas, os impasses e as alternativas diante das restrições impostas pela pandemia, que podem representar um obstáculo significativo para a condução de pesquisas de campo imersivas.

Assim, apresentamos o primeiro trabalho, intitulado “Os Reflexos da Pandemia (COVID-19) sobre o Aumento de Casos de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher no Brasil”, de autoria de Bruna Luiza de Oliveira, que versou sobre o novo panorama desencadeado pela pandemia, examinando medidas políticas adotadas pelo governo federal brasileiro, suas repercussões e consequências no âmbito da violência doméstica. Seguindo uma perspectiva interdisciplinar que transitou entre as dimensões jurídicas e

ETNOGRAFIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

literárias, o trabalho abordou como a pandemia gerou uma nova reconfiguração da questão da violência doméstica, reforçando circunstâncias socio estruturais particulares da sociedade brasileira.

O segundo trabalho, de Marcos Nogueira Milner, cujo título foi “Máscaras e Álcool em Gel ou Chamadas de Vídeo? Notas sobre uma etnografia em quarentena”, abordando os obstáculos metodológicos encontrados durante a realização de uma pesquisa de campo nos primeiros meses de 2020, no início da pandemia de coronavírus. O estudo propôs considerar o contexto, os recortes e as particularidades relacionadas ao público-alvo selecionado, composto por indivíduos acima dos quarenta e cinco anos, desempregados, com acesso limitado à internet. Neste contexto foi discutido as estratégias adotadas para o recrutamento de informantes e a condução do trabalho de campo. Deste modo, o trabalho elucidou como a criatividade etnográfica se tornou um elemento significativo para se pensar a continuidade do devir antropológico em um momento extremamente desafiador para a disciplina.

Por fim, o terceiro trabalho, “Comunidade Cristã Paz e Vida e Sua Dimensão Coletiva Pós-COVID-19”, de André Magalhães Coelho, versou sobre a dimensão coletiva da comunidade cristã “Paz e Vida” localizada em São Mateus, Zona Leste de São Paulo, e analisou as formas de coletividade e percepções religiosas consequentes da pandemia de COVID-19, bem como as reconfigurações do espaço de integração diante desse cenário, através de uma pesquisa com pastores e fiéis desta comunidade. O artigo buscou capturar perspectivas e experiências vivenciadas, dando um panorama sobre estratégias adotadas por lideranças e fiéis para manter a conexão e a espiritualidade em tempos de distanciamento social. As descobertas contribuem para uma compreensão mais abrangente dos impactos pandêmicos nas sociabilidades religiosas.

Portanto, acreditamos que os trabalhos que compõe este dossiê foram extremamente ricos para prover diferentes prismas sobre a pandemia, evidenciando aspectos significativos da transformação da antropologia diante de circunstâncias sócio-históricas extraordinárias, reforçando a

ETNOGRAFIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

resiliência e a adaptabilidade como marcas significativas da disciplina.

Bibliografia

DAS, Veena. **Critical Events: an anthropological perspective on contemporary India**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

GLUCKMAN, Max. **Custom and Conflict in Africa**. Oxford: Blackwell. 1995

KECK, Frédéric et al. **Introduction: the Anthropology of Epidemics**. IN: *The Anthropology of Epidemics*. Ann H. Kelly, Frédéric Keck and Christos Lynteris (eds). Routledge. 2019.

OLIVEIRA, T. L.; MATOS, L. O.; GHIROTTI SANTOS, M.; LAURINO, B. van S. M., OLIVEIRA, A. F.; & REGITANO, A. Para que serve a antropologia (em tempos de Covid-19)? **Cadernos De Campo** (São Paulo – 1991). 29(supl). 1-15. 2020.

SINGER, Meryll. **The anthropology of Infectious Disease**. 320 p. Walnut Creek, CA, USA: Left Coast Press, 2014.